

# Breve História da Exploração Mineira em Gondomar



Artur F. T. Vieira de Sousa



**Breve História**  
**da Exploração Mineira**  
**em Gondomar**

Artur F. T. Vieira de Sousa

À memória do meu pai.

A partir de uma investigação feita no âmbito de Seminário II,  
Licenciatura em História, Artes e Património, Universidade Aberta.

**Texto**

Artur F. T. Vieira de Sousa

**Ilustração e Paginação**

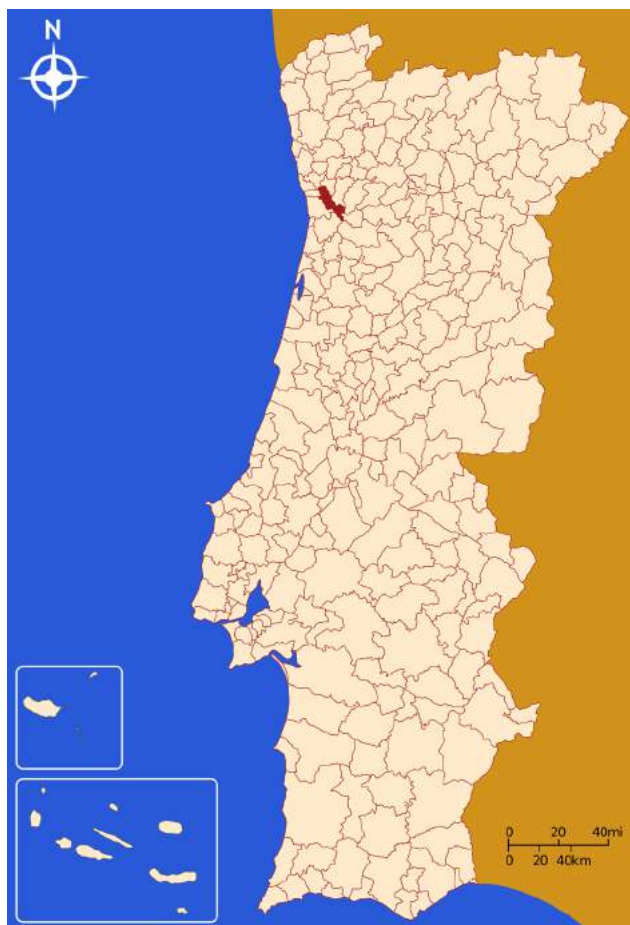
Sérgio Torres

**2017**

## Índice

|          |  |    |
|----------|--|----|
|          | Introdução   | 4  |
| <b>1</b> | Gondomar – Origens e Configurações                             | 6  |
| <b>2</b> | Desenvolvimento económico e industrial em Gondomar             |    |
|          | Primeiras actividades mineiras                                 | 9  |
|          | A Era Moderna e Contemporânea                                  | 11 |
| <b>3</b> | Breve descrição dos produtos da Exploração Mineira em Gondomar | 13 |
|          | Focos de Exploração Mineira Industrial                         | 15 |
| <b>4</b> | Mina do Corgo  | 16 |
|          | Mina de Montalto   | 20 |
|          | Minas do Ribeiro da Serra e da Fontinha                        | 24 |
|          | Minas da Tapada do Padre e dos Pinheirinhos                    | 25 |
|          | Mina de Midões   | 27 |
|          | Minas de São Pedro da Cova                                     | 29 |
|          | A vida dos operários   | 34 |
| <b>5</b> | Conclusão  | 40 |
| <b>6</b> | Notas e Créditos de Imagens                                    | 44 |

# Introdução



*O Concelho de Gondomar, destacado a vermelho <sup>A</sup>*

*Breve História da Exploração Mineira em Gondomar*

*“Nesse tempo, tudo eram festas, tudo eram danças, tudo era folia. Paralisadas as minas, desapareceu essa gente de fora, tudo acabou.”<sup>1</sup>*

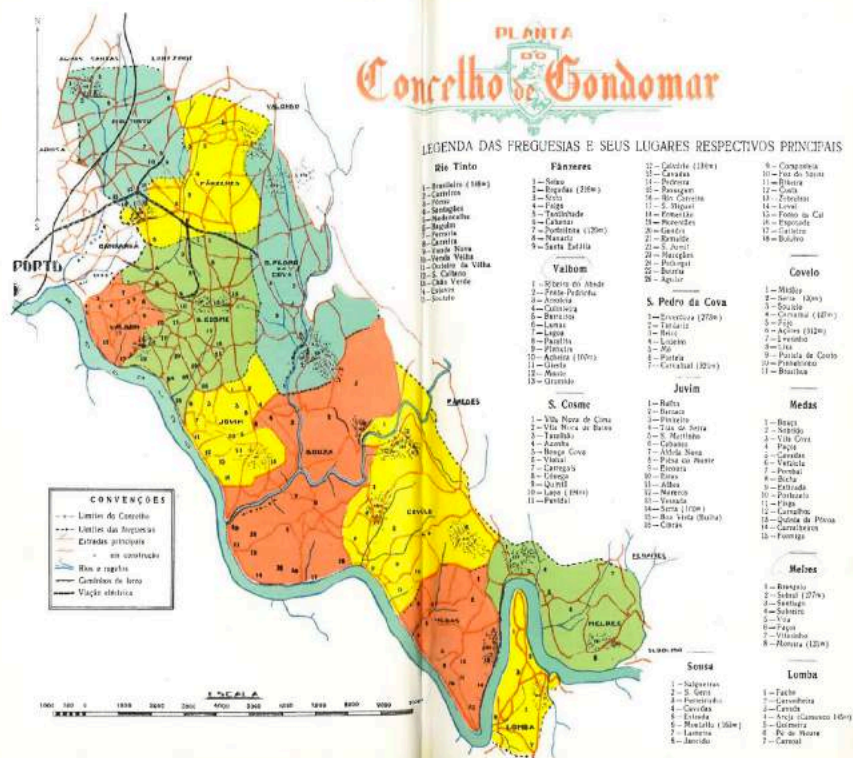
A presente investigação visa descrever a exploração mineira industrializada no concelho de Gondomar na sua altura de maior expressão e expôr o seu impacto.

O objectivo será analisar as consequências deste processo de industrialização nas condições de vida da população e no desenvolvimento económico e modernização do concelho. Para tal, destacar-se-á a organização administrativa do território e a sua relação com os centros de actividade mineira dos séculos XIX e XX.

Este investimento dotou o concelho de uma indústria vibrante, ainda que fugaz, a qual produziu efeitos ainda observáveis, desde a fixação de população às modificações paisagísticas e às consequências ecológicas.

Em Gondomar, teve maior destaque a produção de antimónio, ouro e quartzo, que atinge picos entre 1880 e 1890. Esta actividade foi-se realizando de forma inconstante, até cessar nos anos 20 do séc. XX, quando o país e o mundo atravessam uma crise económica que parou todas as explorações, com a excepção das Minas de São Pedro da Cova. Daí se extraiu carvão até à década de 70.

## Gondomar – Origens e Configurações



### Configuração do Concelho de Gondomar <sup>B</sup>

## Breve História da Exploração Mineira em Gondomar



A origem etimológica de *Gondomar* tem vindo a ser associada pelos estudiosos ao rei visigodo Gundemaro, que terá fundado um couto neste território, no século VII.

O topónimo foi historicamente relacionado com as terras em redor de Monte Crasto (corruptela de “castro”), surgindo as mais antigas referências escritas que se conhecem numa carta de foral do rei D. Sancho I, datada de 5 de Abril de 1193. Neste documento, é feita a doação do Couto de Gondomar ao Bispo do Porto.

*“...Cautum de Gondomar a Sancho I  
Portugalensium Rege factum, in gratiam  
Martini Portugalensis Episcopi. Anno 1193...”*<sup>1</sup>

Esta doação vem a ser confirmada por D. Afonso II em Março de 1218. E, por fim, D. Manuel I vem a outorgar o último foral, em 1515:

*“...Aquamtos esta nossa carta de foral  
dado ao concelho de Gondomar...”*<sup>1</sup>

Ao longo da história, vão-se produzindo alterações na configuração dos limites territoriais dos municípios que resultam do confronto da posse tradicional das terras por figuras régias, nobiliárquicas ou eclesiásticas com as reformas administrativas implementadas pelos diferentes

governos (monárquicos absolutistas, liberais e republicanos). O concelho de Gondomar não é imune a tais modificações.

A 6 de Novembro de 1836, Passos Manuel promove a extinção de 498 concelhos, incorporando-os em municípios vizinhos. Esta reforma tinha por princípio “...*criar circunscrições municipais maiores, evitando a existência de concelhos pobríssimos...*” <sup>2</sup>

O concelho de Gondomar passa a integrar o extinto concelho de Melres (1834) e a freguesia da Lomba, S. Pedro da Cova e o concelho de Rio Tinto (extintos em 1836).

A 3 de Agosto de 1853, é aprovada uma nova lei no mesmo sentido de supressão de unidades territoriais, de que resultaram um total de 268 concelhos.

Corria o ano de 1878 quando a reforma de Rodrigues Sampaio estabiliza por fim o mundo municipal. Gondomar adquire uma dimensão geográfica estável e definida.

Assim se agregou num só município um extenso património natural rico em recursos por explorar. Tal veio a acontecer no final do século XIX, chegando esta indústria em Gondomar ao fim com a crise dos anos 20 do século XX. Excepção foi a exploração de carvão das minas de São Pedro da Cova, que encerraram actividade em 1970.

## **Desenvolvimento económico e industrial em Gondomar:**

### **Primeiras actividades mineiras**

A primeira ocupação do território gondomarense datará na Idade do Bronze, com a fixação dos Celtas. Historicamente, estes povos preferiram posições defensáveis, como montes, procurando também localizações onde tivessem acesso a nascentes (consideradas sagradas) e jazigos de metais preciosos. Nos concelhos de Gondomar e Valongo, a ocupação celta está associada à presença de ouro no solo, e, com a conquista romana, esta exploração é alargada e intensificada.

Quando os Romanos dominaram a região, procederam a grandes escavações em fojos e galerias. Em Melres, na Serra das Banjas, foram encontradas ferramentas de trabalho, moedas, inscrições e outros vestígios de exploração aurífera da era imperial no que é conhecido como o Poço Romano. Este sítio foi identificado pelo Eng.º Frederico de Albuquerque de Orey em 1882.

*“...numerosos trabalhos antigos encontram-se principalmente na encosta oriental desta serra e denotam que em tempos remotos se desenvolveu aqui uma importante indústria mineira...”<sup>3</sup>*

*Breve História da Exploração Mineira em Gondomar*

*“Há vestígios de castros nas minas das Banjas, onde é possível observar a existência de um antigo povoado, com ocorrência de mós e escórias, e em Alto do Sobrido (Medas). (...) Domergue (1970) refere a ocorrência de cavidades escavadas nos xistos, que poderiam ter servido de almofariz para a minagem do minério e das escórias...”*<sup>4</sup>

A exploração aurífera foi significativa no território da província romana da Galécia, que incluía a actual Galiza e o Norte de Portugal. Contudo, *“...à medida que a anarquia estendeu a sua mão desmoralizante sobre o Império Romano, as minas partilharam a sorte do governo. A administração desagregou-se. As minas deixaram de ser produtivas. Os Bárbaros completaram a progressiva desintegração...”*<sup>5</sup>

Com o declínio da autoridade romana e a agitação política e social provocada pelos conquistadores germanos, a exploração mineira local é abandonada, sendo apenas retomada séculos mais tarde, passadas as épocas dos reinos Suevo e Visigodo e da ocupação muçulmana e estabelecido o território português. A exploração mineira em grande escala chega na Modernidade, no pico da Revolução Industrial no país.

# **Desenvolvimento económico e industrial em Gondomar:**

## **A Era Moderna e Contemporânea**

As incorporações territoriais no concelho de Gondomar da primeira metade do séc. XIX tiveram grande impacto no município. Congregando uma maior extensão de terras e população, o município beneficia de maiores receitas sob a forma de impostos e mais facilmente atrai o investimento industrial. Na freguesia de São Pedro da Cova, estava já em funcionamento uma indústria, que se expande às freguesias de Medas e Covelo.

No último quartel do séc. XIX, a procura por antimónio torna-se o grande motor de revitalização da grande exploração mineira no concelho. Em 1880, abrem-se os trabalhos na minas da Tapada do Padre e de Ribeiro da Serra. No ano seguinte, é aberta a mina de Montalto, que se revelará das mais produtivas.

A febre do antimónio faz com que se encontrem também filões de ouro e de quartzo, pois estes minérios tendem a achar-se próximos. Os jazigos ouro-antimoníferos localizam-se em filões que vão desde alguns centímetros a metros de largura

e são predominantes em solos xistosos, como é o caso das freguesias de Covelo, Medas e Melres. <sup>4</sup>

A abundância foi suficiente para atrair mais investimento para a região. No inquérito industrial do ano de 1890, no capítulo de minas e pedreiras, são listadas as seguintes minas em actividade no concelho de Gondomar:

Mina do Corgo

Mina de Montalvo

Mina de Ribeiro da Serra

Mina da Fontinha

Mina da Tapada do Padre

Mina dos Pinheirinhos

Mina de São Pedro da Cova

## **Breve descrição dos produtos da exploração mineira em Gondomar**

O ouro (AU) é um elemento químico metálico que não sofre oxidação. É um excelente condutor eléctrico, e no seu estado natural apresenta uma coloração amarela e sólida. É utilizado em múltiplas aplicações, das quais se destacam o adorno e a moeda de reserva.

O antimónio (SB) é utilizado na metalurgia como elemento aditivo, sendo um constituinte de uma liga à base de chumbo, que lhe dá dureza, rigidez e resistência à corrosão. As suas aplicações em ligas de chumbo vão do revestimento de cabos a moldes, soldaduras e tubos. No seu estado puro é quebradiço e opaco, cor branca de estanho, com um brilho metálico vivo. Encontra-se em pequenas massas finamente granulares abundantemente disseminadas na antimonite. Distingue-se desta facilmente pela sua cor mais clara e configuração arredondada entre os cristais de alongamento pronunciado da antimonite.

O quartzo é considerado entre os minerais abundantes um dos mais resistentes, com um alto grau de dureza, ficando atrás apenas do diamante e do topázio, que são minerais raros.

Estes três produtos foram extraídos das minas do Corgo, de Montalto, de Ribeiro da Serra, da Tapada do Padre e dos Pinheirinhos.

O carvão é um combustível mineral, profusamente usado desde o início da Revolução Industrial inglesa do séc. XVIII como fonte de energia. O que é achado em território nacional é antracite, pouco abundante e é considerado de fraca qualidade, ao ponto de por muito tempo se ter considerado este inutilizável como fonte de energia. Dentre as minas do concelho de Gondomar, foi extraído de Midões e São Pedro da Cova.



*Ouro*<sup>C</sup>



*Antimónio*<sup>D</sup>



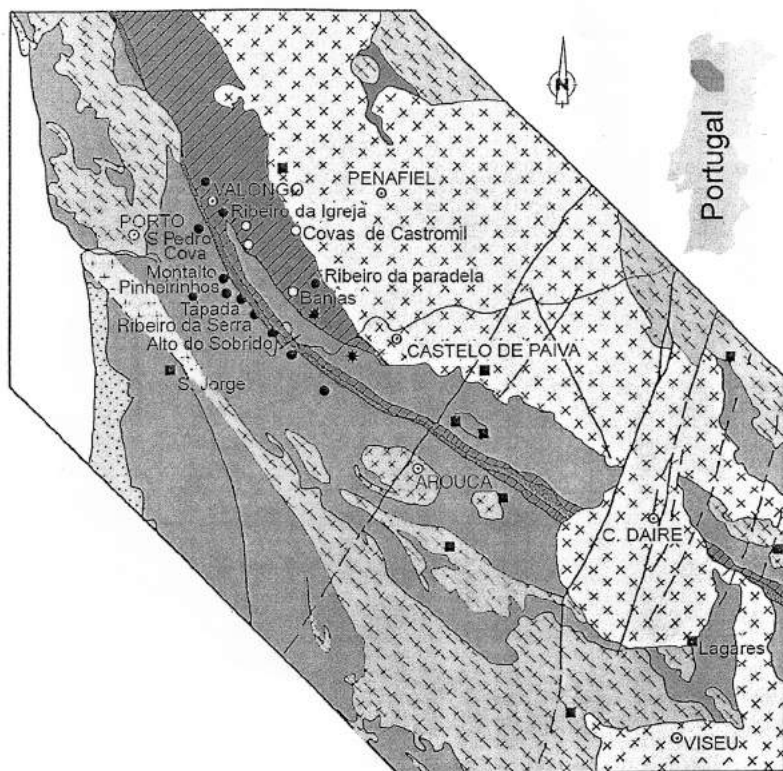
*Quartzo*<sup>E</sup>



*Carvão*<sup>F</sup>



# Focos de Exploração Mineira Industrial



*Mapa geológico com a principal actividade mineira na região Dúrcio-Beirã <sup>G</sup>*

## Mina do Corgo

A empresa Shore & Codel requer a concessão da mina em 1884, trespassando-a em 1888 à companhia inglesa “The Lixa Mining Company”, criada um ano antes e dissolvida entre 1916. O seu capital social era de 1 000 000 de libras, ou 450 000 000 réis. Nesta mina, explorou-se sulfureto de antimónio com elevado grau de pureza, de vários filões cuja lavra oscilava entre os 20 e os 160 metros de profundidade. Os trabalhos desta mina foram balizados pelas concessões concorrentes dos Pinheirinhos e da Tapada do Padre – uma repartição do território que comprometeu a capacidade produtiva da mina.

Fazem-se várias acções de melhoria da produção para contornar a problemática limitação da área de concessão, embora a rentabilidade da mina estivesse dependente da cotação do minério registada na bolsa de Londres. Entre tais acções de rentabilização conta-se com a instalação duma fundição nas imediações, por forma a valorizar ali mesmo a matéria-prima ao transformá-la num produto.

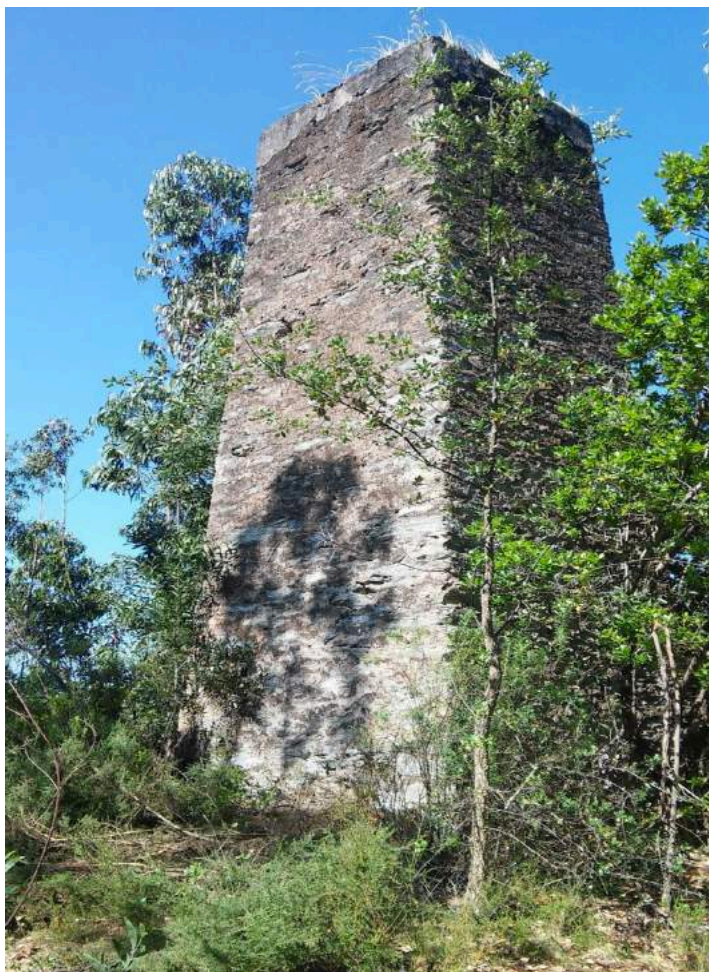
A falta de técnicos devidamente qualificados na região foi uma dificuldade inerente à actividade de todas as empresas que vieram investir em Gondomar. Foram contratados especialistas ingleses, que chegaram criar inovações tecnológicas nesta



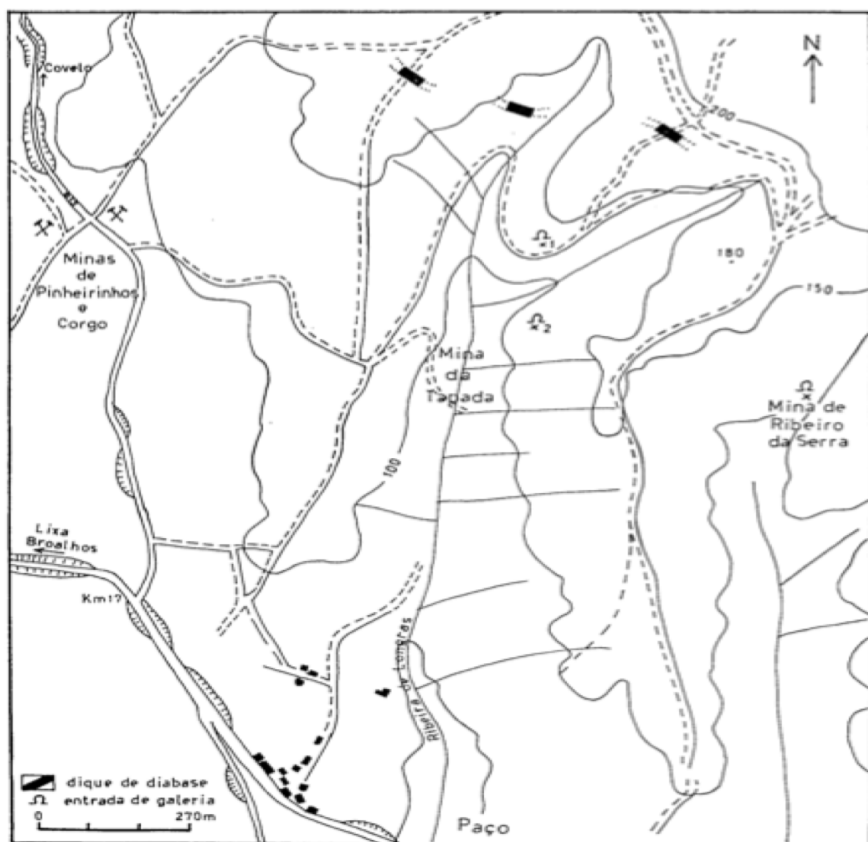
*Cadinho da fundição da mina do Corgo<sup>H</sup>*

fundição, onde se tinha “...o máximo empenho em não divulgar o processo seguido no tratamento do antimónio aurífero...”<sup>1</sup> A fundição desta mina tinha capacidade para trabalhar também a produção de outras minas nas imediações, mas os investidores ingleses tinham reservas quanto a viabilizar a transformação do minério em território estrangeiro e não quiseram equipar a região com instalações e tecnologia suficientes para que Portugal pudesse emergir como concorrente.

*“...a fundição de antimónio nesta região tem sido muito mal vista em Londres, donde os influentes do mercado inglês têm procurado pôr toda a classe de obstáculos ao desenvolvimento da fundição, impedindo por diversos meios que as minas próximas vendam o seu minério à fundição...”<sup>1</sup>*



*Chaminé da fundição da mina do Corgo <sup>H</sup>*



*Mapa localizando as minas do Corgo, dos Pinheirinhos,  
da Tapada do Padre e de Ribeiro da Serra<sup>1</sup>*

## Mina de Montalto

Localizada na freguesia de Covelo. Daqui se extraiu sulfureto de antimónio, quartzo e ouro. A produção entre 1879 e 89 foi de 2 833 toneladas de antimónio e 136 de quartzo. Em 1897, conseguiram-se daqui 16,702 quilogramas de ouro.<sup>6</sup>

A exploração era feita em poços verticais que podiam atingir entre os 37 e os 160 metros de profundidade, com um raio horizontal de até 700 metros. O minério extraído era seleccionado no interior da escavação e transportado por vagonetas assentes em carris de ferro até ao poço principal, de onde ascendia para o exterior através de uma roda hidráulica. À superfície, o minério seguia em vagonetas para a zona de separação mecânica, onde trommels faziam a triagem em função do diâmetro do material. Crivos hidráulicos faziam triagem por níveis de densidade, sendo finalmente o minério sujeito ao processo de lavagem.

O produto era então guardado em barricas de madeira, que eram levadas por juntas de bois para a praia da Lixa, onde eram expedidas por barco ao longo do rio Douro até à cidade do Porto, onde por fim era exportado para Inglaterra.





*Instalações da mina de Montalto,  
fotografia datada do final do séc. XIX<sup>1</sup>*



*Instalações da mina de Ribeiro da Serra,  
fotografia datada da década de 1890<sup>1</sup>*

*Transporte fluvial de mercadorias através do Douro <sup>1</sup>*







## Minas de Ribeiro da Serra e Fontinha

Estas duas minas pertenceram à Companhia das Minas de Gondomar, fundada a 26 de Agosto de 1884. Em ambas é empregue a escavação de poços verticais, de que partem galerias na direcção dos filões de minério. Possuíam máquinas de extracção e esgoto accionados por motores a vapor. Porque as concessões eram vizinhas foi possível rentabilizar as instalações de separação, lavagem e expedição do produto concentrando-as no Ribeiro da Serra. O poço da mina de Ribeiro da Serra atingiu os 100 metros de profundidade, medida que chega aos 252 metros com a extensão dos poços secundários. O poço da mina da Fontinha atingiu 109 metros de profundidade.

A exploração foi complicada, dada a presença de “filões ladrões” que “...*rejeitam os filões metalíferos inúmeras vezes tam de pressa no sentido da direcção como no da inclinação, por vezes promovendo um deslocamento muito pequeno ou rejeitando muitas dezenas de metros...*”<sup>1</sup> A produção de antimónio, ouro e quartzo da mina de Ribeiro da Serra foi modesta, e na mina da Fontinha extraiu-se apenas antimónio, interrompendo-se os trabalhos quando a cotação do minério caía. Entre 1884 e 89, esta companhia extraiu do solo 3 488 toneladas de antimónio e 1 935 quilos de ouro, que renderam, respectivamente, 222 534 300 e 1 179 479 réis.

A produção era transportada em barricas de madeira por juntas de bois da serra até à praia da Lixa, onde seguia por barco até ao Porto para daí ser exportado para Inglaterra.

## Minas da Tapada do Padre e dos Pinheirinhos

A mina da Tapada do Padre pertenceu à Companhia das Minas da Tapada, empresa com sede em Lisboa que surgiu no pico de especulação bolsista no sector mineiro. Foram empregados 195 trabalhadores, entre mineiros e pessoal especializado.

Esta exploração “...foi uma das que adquiriram incontestável valor, porque tendo uma direcção inteligente e na parte técnica confiada a um empregado que a tornou um modelo de boa administração, se tornou a mina melhor do que se julgava...” <sup>1</sup> Direcção esta que foi encabeçada por António Gomes da Silva, quadro do Ministério das Obras Públicas, quem se assegurou que a investigação dos filões de melhor qualidade era executada e seguida com rigor, garantindo a eficácia e rentabilidade da extracção.

O poço vertical tem profundidade de 90 metros, chegando os poços secundários a uma profundidade máxima de 200 metros. No ano de 1889 extraíram-se 406 toneladas de antimónio. Em 1900, obtiveram-se 2,6 quilogramas de ouro.

A concessão da mina dos Pinheirinhos compreendia os filões de Santa Bárbara e de São Jerónimo, de que se extraiu em média 422 quilos de minério por metro quadrado. O Catálogo de

Secção de Minas (Monteiro & Barata, 1889) lista a produção de 718 toneladas de antimónio e 2 948 gramas de ouro nesta mina no ano de 1887. Entre 1880 e 1889 produziram-se 5 268 toneladas de antimónio (no valor de 321 225 209 réis), 561 toneladas de quartzo (valendo 5 951 905 réis) e 20,8 quilos de ouros (valendo 12 365 640 réis). <sup>4</sup>

A selecção do minério era feita no exterior da boca do poço, com crivos, seguindo o material seleccionado para a mina da Tapada do Padre. Ambas as minas partilharam as instalações de tratamento do minério, encontrando-se ligadas por uma via férrea. Assim se economizou nos custos de produção.



*Galerias da Mina dos Pinheirinhos* <sup>H</sup>

## Mina de Midões

Esta mina situava-se na confluência das freguesias de Gens, Foz do Sousa e Covelo. Em 1872, pertence à firma Hastings & Tait, que, passados alguns anos, alteram a denominação social para Veloso & Tait. Em 1912, o arrendatário passa a ser Manuel Martins da Rocha, que adquire a propriedade em 1916 e cria a Empresa Mineira do Carvão de Midões, limitada, acrescentando novas concessões das freguesias de São Pedro da Cova e de Melres à original.

Sob a administração da Empresa Mineira do Carvão de Midões dão-se os grandes investimentos nesta localização, com a abertura de novos poços e a instalação de oficinas, armazéns, escritório e de um caminho de ferro para transporte do produto até à Foz do Sousa, seguindo a partir daí em transporte fluvial até ao Porto. A extracção efectuava-se por camadas, chegando as mais ricas a ter perto de 20 metros de espessura. É possível observar o crescimento exponencial a partir de 1916, com a mecanização da exploração: 6 565 toneladas de carvão em 1917; em 1918 extraem-se 7 756 toneladas; em 1919, 7 936; em 1920, 9 927.

No ano de 1924, é alterado o pacto social, passando a empresa a designar-se de Companhia Anónima Portuguesa para Exploração de Combustíveis, em que entrou capital francês. Contudo, não se chega a avançar com novos planos de investimento. A produção é suspensa em 1927, atravessando-se uma grave crise financeira.



*Locomotiva atravessando a ponte sobre o rio Sousa, transportando carvão das minas de Midões para o cais de Foz do Sousa <sup>1</sup>*



*Acção ao portador da Companhia das Minas de Antimónio e Ouro de Gondomar <sup>1</sup>*

## Mina de São Pedro da Cova

Desta mina se extraiu antracite, um carvão de fraca qualidade. Em 1795, Manuel Alves de Brito apercebeu-se do potencial desta localização e obteve uma licença de exploração, que foi cassada pelo estado, ficando à responsabilidade de um frade e de um Dr. José Jacinto. A mina foi explorada por estes dois homens, representando o estado, até que “...*por alvará de 4 de Julho de 1825 arrendou o governo a lavra das minas de carvão de S. Pedro da Cova e de Buarcos a uma companhia organizada em Lisboa, pelo tempo de vinte anos e por 10 000 000 de réis...*”<sup>1</sup>

Entre 1803 e 25, esta mina produziu 68 000 toneladas de carvão, que renderam 307 000 000 réis. Depois, os trabalhos foram irregulares, pouco eficazes e difíceis. Isto até 1854, quando o Conde de Farrobo, capitalista e mecenas lisboense, torna definitiva a concessão que obtém em 49.

Com a transferência da concessão para o Conde de Farrobo são abertos novos poços. Em 1887, a profundidade destes é de 143 metros e o diâmetro de 320 metros. É de realçar a inexistência de maquinaria, sendo o esforço executado pela mão dos operários.

*“...o minério era elevado em pequenos cubos de madeira que uma longa série de rapazes escalonados nos poços interiores passava de mão em mão. As águas dos pisos inferiores eram elevadas por meio de bombas de madeira movidas à força humana...”*<sup>7</sup>

Por alvará de 29 de Setembro de 1885, a concessão passa a ser detida por Cândida Líbia Pimenta e Manuel Joaquim Pimenta. Já no séc. XX, será criada a Companhia das Minas de S. Pedro da Cova, a qual explorará este sítio até ao encerramento de toda a actividade. As condições de trabalho foram tais que mesmo depois do virar do séc. XX ainda se fazia a drenagem com as bombas movidas pelo homem e o transporte do minério extraído se fazia nos mesmos *“pequenos cubos de madeira”*. Mesmo a produção sendo executada em condições pouco económicas, esta era incrementada de ano para ano, abrindo-se novos poços entre os 67 e os 123 metros de profundidade. Em 1914, aqui eram empregados 393 operários, os quais extraíram destas escavações 25 000 toneladas de antracite.

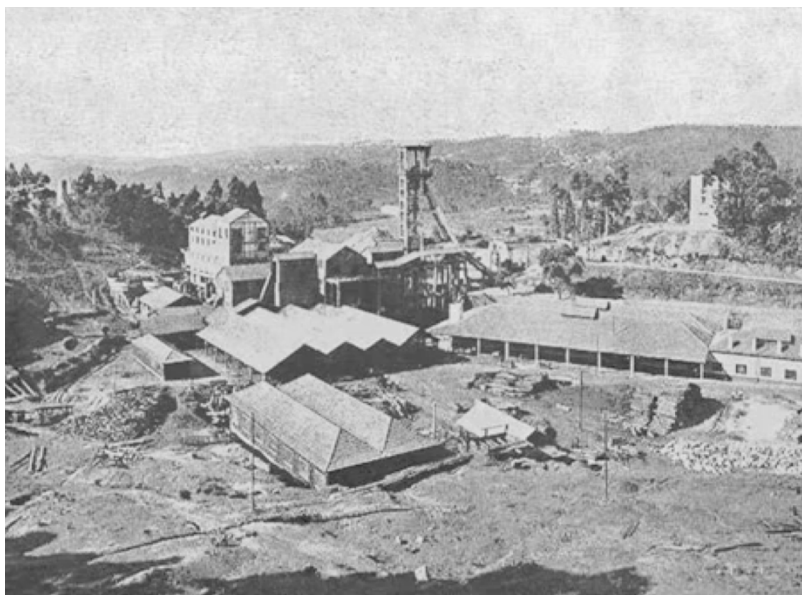
*“...é de notar a relutância que tem o concessionário desta mina a introduzir os melhoramentos aconselhados pela moderna arte das minas... esta mina só poderá ser notada como um triste exemplar de reacção ao progresso...”*<sup>1</sup>

*Breve História da Exploração Mineira em Gondomar*



Em 1934, é dado um passo no sentido de modernizar o trabalho, com a instalação duma lavaria mecânica e outros equipamentos destinados a facilitar a extração e tratamento do produto. Os resultados são evidentes. A produção de 1932 representa apenas 60% da que se conseguiu em 1935.

Em 1935, foi aberto o chamado poço de São Vicente, que chega a atingir os 157 metros de profundidade. Daqui far-se-á extracção por camadas, conseguindo-se 180 000 toneladas de carvão. Não serão abertos novos poços. A mina encerra em 1970.



*Instalações das minas de São Pedro da Cova,  
fotografia datada dos anos 40 do séc. XX*

*Cais da Ribeira, Porto, fotografia datada da 1ª metade do séc. XX<sup>κ</sup>*





## A vida dos operários

*“Quando havia o trabalho das minas, como habitavam aqui muitas famílias e trabalhadores de fora, realizavam-se muitos divertimentos aos domingos e dias santos; e então armavam-se danças, ao toque de violas ou de outros instrumentos...”*<sup>1</sup>

Os diversos focos gondomarenses de exploração mineira arrancaram actividade quase em simultâneo, gerando uma procura súbita por mão-de-obra local. Este fenómeno provocou o deslocamento de centenas de pessoas, pelo que o alojamento de todos os operários passou a constituir um problema. Nas minas localizadas em Medas chegaram ser empregues cerca de 700 trabalhadores. Os que não conseguiram acomodação a um preço comportável viriam a ocupar instalações precárias providenciadas pelas empresas, as chamadas “casas da malta”.

Em algumas minas, chegaram a ser criadas inclusivamente habitações de melhores condições para acomodar o designado “pessoal superior”. Destes, os que procurassem alugar acomodação nas aldeias próximas viam liquidado um acréscimo semanal que oscilava entre os 500 e os 1 000 réis.

Por norma, as condições a que os operários comuns eram sujeitos ao serviço desta indústria eram desgastantes e mal remuneradas, num tempo em que não existiam políticas de apoio social. Os horários eram excessivos. A contratação era feita na base diária (à jorna). As condições de higiene e segurança constituíam um perigo para os trabalhadores, alguns dos quais, inclusivamente, eram menores de idade.

*“...a duração do trabalho não nos parece boa, sobretudo para os menores. Achamo-la excessiva.”<sup>1</sup>*

O trabalho mineiro comporta uma série de riscos para a saúde dos operários. Desde a exposição a substâncias tóxicas usadas na transformação do produto da mina ou a partículas facilmente aspiradas e que provocam complicações respiratórias, à sujeição a temperaturas elevadas e à atmosfera nociva do subterrâneo. E ainda para mais, estes trabalhos estavam pouco automatizados, não porque não existisse a tecnologia necessária mas porque não se investia nesta, o que não aliviava as tarefas penosas da exploração. Muitos trabalhadores ainda padeciam de subnutrição, resultado do parco pagamento. Foi uma prática recorrente adquirir comida com recurso a crédito dos estabelecimentos locais. A vida dos operários era difícil, degradante, e não lhes permitia deixar a pobreza que os arrastou para este meio perigoso.

Na mina de Montalto, nos anos de maior produção, os operários do interior da mina chegaram a ser organizados em 3 turnos diários de 8 horas a fim de manter laboração contínua. Os do exterior trabalhavam 12 horas. Todavia, nestas instalações, uma modesta farmácia fornecia gratuitamente a medicação necessária aos operários acidentados na mina.

A mina de Ribeiro da Serra não possuía instalações próprias para alojamento dos operários que mais distavam daí. Estava também dotada de uma caixa de socorros sustentada com uma parte das jornas e um armazém mantido pela própria empresa guarnecido de géneros alimentícios onde se utilizava um sistema de crédito em conta.



*Operários da mina de Ribeiro da Serra, fotografia datada de finais do séc. XIX*<sup>1</sup>

Na mina do Corgo, os trabalhadores eram recrutados entre os locais em regime de empreitada, recebendo a jorna pelo dia de trabalho. Carpinteiros, ferreiros, operários de lavaria, mineiros, bombeiros, safreiros e entivadores chegavam a um acordo com os capatazes, sendo empregues conforme as necessidades do dia. Os horários para os trabalhadores no interior da mina fixavam-se nas 8 horas diárias, ao passo que os trabalhadores no exterior labutavam de sol a sol, com um descanso (estendido para duas horas no Verão e reduzido para uma e meia no Inverno).

A direcção da empresa dispunha de uma pequena caixa de socorros comparticipada pelos operários com 5% da sua jorna. Era daqui que se financiava assistência médica ou se atribuía subsídios por incapacidade no trabalho.

Na mina dos Pinheirinhos, a administração organizou a caixa de socorros por forma a que os operários se faziam sócios descontando meio dia da semana de trabalho, passando a ter direito a assistência médica e medicamentos gratuitos, benefícios estendidos às respectivas famílias (uma excepção no comportamento das empresas à data). A caixa abonava subsídios aos operários tornados incapacitados num acidente no trabalho e às viúvas e órfãos de operários falecidos no serviço. Também a administração contribuía para a manutenção da caixa, destacando-se esta como uma das que melhor protegeu os seus trabalhadores.



Estas estratégias e mecanismos não se comparavam a uma assistência mútua propriamente dita, não existindo apoios no caso de afastamento da actividade nem por acidente no trabalho nem por doença contraída em consequência da actividade mineira.

Houve, todavia, casos em que este auxílio não foi estendido aos trabalhadores. As condições de trabalho na mina de São Pedro da Cova, que manteve actividade entre 1795 e 1970, foram especialmente miseráveis. *“Esta mina só poderá ser notada como um triste exemplar de reacção ao progresso.”* <sup>20</sup>

Segue-se o testemunho de Rosa Oliveira, recolhido por Serafim Gesta em *“Minas de São Pedro da Cova: um grito rompe o silêncio”* (1981):

*“Fui trabalhar para o poço novo (...) Tinha sete anos (...) Mas também lá trabalhavam comigo mulheres que vinham de Penafiel, de Sobrado e outras terras. Faziam a comida da mina e dormiam num quarto de madeira. O meu serviço era de giguinha à cabeça. Pegava de manhã, às seis ou sete, não havia horário certo. Logo que houvesse muito carvão lá fora (...) Arreava-se quando acabasse o serviço...”*





*Separação do carvão*

## Conclusão

Num Portugal com uma dimensão industrial incipiente, onde a indústria da fundição era residual, todo o Antimónio extraído no campo mineiro de Gondomar era totalmente exportado.

Os proprietários da mina do Corgo ainda tentaram inverter e criar valor acrescentado construindo uma fundição no local, infelizmente a falta de conhecimentos técnicos no País, as dificuldades técnicas na sua aplicação industrial, irregular fornecimento de matéria prima, bem como uma forte oposição dos industriais de fundição Ingleses liquidaram o processo iniciado.

De referir que o Antimónio extraído em Gondomar era comercializado num mercado global via bolsa de Londres o que criava uma interdependência entre a produção e a comercialização com o produtor fortemente dependente da especulação bolsista.

No início do século XX surgem no mercado mundial minérios oriundos de países asiáticos, o aumento da oferta leva a uma crise nas explorações europeias bem, como nas que atuavam no território nacional.

A crise é de tal modo grave que nos idos do ano 1910 já todas as minas de antimónio tinham cessado a laboração, apesar de

os filões e a possibilidade de extração continuar. Os jazigos existentes e identificados permitem e permitiam um contínuo na exploração.

Uma vez mais a falta de capacidade dos agentes económicos nacionais, que não souberam ou não puderam explorar uma fonte de riqueza, levando a que centenas de operários engrossassem as fileiras de desempregados. O País perdeu uma fonte de riqueza, o município de Gondomar deixou de arrecadar o valor dos impostos perdidos. O período de ouro da indústria mineira em Gondomar terminara.

As minas de carvão conseguiram sobreviver mais tempo, toda a produção tinha como espaço de comercialização o mercado interno, aliado ao fato de se situarem na proximidade da cidade do Porto seu principal mercado.

Uma vez mais a indústria não se consegue desenvolver o binómio capacidade técnica versus capital, algo escasso no nosso país, denotando a fraca apetência ao risco e empreendedorismo dos nossos empresários.

O balanço entre o deve e o haver da atividade económica que então se desenvolveu carece de um estudo mais aprofundado, no entanto pela informação colhida e estudada sou a concluir que a muita riqueza que a muitos poderia servir, ficou reduzida a um curto período, e apenas para uns quantos muitos desses não nativos.

*“Em Portugal, regra geral, ou a indústria segue acanhada rotina, receosa de qualquer inovação, como em S. Pedro da Cova, e assim cerceia a sua produção e lucros ou se faz da indústria uma especulação de bolsa entendendo que ella deva dar tudo e matar-se à nascença.”<sup>1</sup>*



*Ruínas do edificio de escolha de minério da mina da Ribeira da Serra<sup>H</sup>*

*“Agora permite-me contar-te um conto. Por Asclepiódoto sei que Filipe enviou muitos homens para uma mina antiga, abandonada havia tempo, para que explorassem qual a sua produtividade, qual a sua situação, se a antiga avareza deixaria algo para o futuro. Desceram levando muita luz que durasse vários dias. Ao fim de certo tempo, quando estavam cansados do largo caminho, viram enormes rios e amplos depósitos de águas estagnadas, iguais aos nossos, que não estavam tapados por terra, e que tinham amplitude de espaço, e que não podiam ser contemplados sem horror. Li isto com grande prazer. Compreendi, com efeito, que o nosso tempo não sofre de vícios novos, são herdados dos antigos, e a nossa época não é a primeira em que a avareza leva às entranhas da terra e das pedras em busca do que estava espantosamente oculto; os nossos antepassados, aos quais prestamos culto, queixando-nos de não ser como eles, movidos pela esperança, fizeram cair os montes e para seu proveito os deixaram derrubados.”*

Questões Naturais, V 15

Sêneca

# Notas e Crédito das Imagens

1 ver OLIVEIRA, Camilo de, *O Concelho de Gondomar*, Imprensa Moderna, Porto, 1934

2 ver SILVA, Henrique Dias, *Reformas Administrativas em Portugal desde o Século XIX*

3 ver CARVALHO, J. Silva-Ferreira e O. da Veiga, *Algumas Lavras Auríferas Antigas, estudos e trabalhos*, Vol. IX, 1954

4 ver COUTO, Maria Helena Macedo, *As Mineralizações de SB-Au da região Dúrico-Beirã*, Universidade do Porto, 1993

5 ver MARTINS, Clara Maria Braz, *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*, Universidade do Minho, 2008

6 ver JESUS, Amílcar Mário, *Minerais de Portugal Continental*, Lisboa, 1928;

7 ver VIEIRA, Alexandra, *Minas de Carvão de S. Pedro da Cova*, Instituto Politécnico de Bragança, 2007

Ver também:

SANTOS, Albino, *Monografia da Freguesia de Medas*;

OLIVEIRA, César de, *História dos Municípios e do Poder Local dos finais da Idade Média à União Europeia*, Temas e Debates, 1996;

KOEHLER, L. M., *Os jazigos de antimónio no Norte de Portugal*, Arquivo do Serviço do Fomento Mineiro, Porto, 1939

SOEIRO, Teresa, *Apontamentos sobre a Ocupação entre o Sousa e Tâmega em Época Romana*, Boletim Municipal de Cultura de Penafiel, 3ª Série, nº1, 1984

DOMERGUE, C., *Les Mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité Romaine*, Collection de l'École Française de Rome, 127

A retirado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gondomar#/media/File:LocalGondomar.svg>

B retirado de *O Concelho de Gondomar*, Camilo de Oliveira

C retirado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ouro#/media/File:Gold-crystals.jpg>

D retirado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Antim%C3%B4nio#/media/File:Antimony-4.jpg>

E retirado de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Quartzo#/media/File:Quartz,\\_Tibet.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Quartzo#/media/File:Quartz,_Tibet.jpg)

F retirado de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Carv%C3%A3o\\_mineral#/media/File:Coal.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Carv%C3%A3o_mineral#/media/File:Coal.jpg)

G apartir da Figura 2, pág. 50, in *Atas do 1º Congresso de Mineração Romana em Valongo*, Alto Relevo Clube de Montanhismo e Câmara Municipal de Valongo

H fotografia de Artur Fernando Torres Vieira de Sousa

I fotografia cedida do arquivo pessoal de Francisco Xavier Dias

J retirado de *As Mineralizações da SB-Au da região Dúrico-Beirã*, Maria Helena Macedo Couro.

K fotografia de John Oliver La Gorce para a National Geographic, retirado de <http://www.portoantigo.org/2013/08/por-uma-vez-lisboa.html>



“Mineiro, artista e lavrador.

A paisagem corresponde a essas três modalidades industriais. Ora severa, brusca, acidentada, negra; ora filigranando arabescos sobre as correntes límpidas da água; ora alastrando-se uberrima pelas hortas e pomares, d’onde se abastece o Porto. O carvão, a filigrana e o nabo, eis ahí os tres symbolos de Gondomar, d’esta boa e antiga terra portugueza, cuja povoação principal se diz ter sido fundada pelo rei godo Flavio Gundemario, no anno de 610.

Como arrabalde e dos mais férteis, que tem o Porto, só póde visitar-se o concelho alugando na cidade um cavallo ou um trem, que nos transporte através da sua zona de norte, fretando depois um barco e seguindo Douro acima para conhecer a sua zona de sul.”

in “Minho Pittoresco” (1886),

José Augusto Vieira

